

Bandidos armados fazem terrorismo no Zimbabwe

29.9.87

Os bandidos armados, idos de Moçambique, estão a levar a cabo acções terroristas contra povoações fronteiriças no interior do Zimbabwe, segundo informa a AIM.

Os ataques no interior do Zimbabwe começaram a conhecer certa regularidade há três meses. A 28 de Julho último, um grupo de 50 bandidos atravessou a fronteira de Manica e atacou a «Katiyo Tea Estate», uma fábrica de processamento de chá si-

tuada a menos de trinta quilómetros da fronteira.

De então para cá os ataques foram-se sucedendo. Com o ataque do passado dia 15 de Setembro contra um posto de guardas do parque de Chiredze, em que oito pessoas foram mortas, subiu para 22 o número de cidadãos zimbabweanos assassinados. As destruições são de milhões de dólares zimbabweanos.

O Zimbabwe tem milhares de tropas a combater lado a lado com o Exército de Moçambique contra os bandidos armados desde 1982. Em Agosto de 1985, tropas conjuntas dos dois países capturaram a chamada «Casa Banana», na Gorongosa, até então considerada a base central dos bandidos armados no interior de Moçambique.

Observadores em Harare vêem as acções terroristas dos bandidos armados idos de Moçambique, no interior do Zimbabwe, como uma tentativa sul-africana de atingir possíveis sensibilidades no Zimbabwe, que pudessem resultar na reconsideração das posições em relação à guerra em Moçambique.

A procura de sobrevivência de alguns grupos de bandidos no centro e norte de Moçambique, onde o Exército moçambicano logrou obter consideráveis sucessos em ofensivas militares desencadeadas no princípio do ano, pode estar na origem dos ataques ao Zimbabwe. Muitos dos bandidos fugidos do centro e norte subiram para Nampula ou desceram

para as províncias do sul mas, segundo disse à AIM um oficial zimbabweano, «há ainda pequenos grupos dispersos na zona (centro). O aumento de casos de canibalismo relatados pelas populações significa que eles têm problemas sérios de comida».

Os ataques até aqui reportados foram perpetrados por grupos inferiores a cinquenta bandoleiros armados com AKM, bazookas, catanas, machados, e aconteceram a coberto da noite. Para além do assassinio das vítimas com armas brancas, na maioria dos casos, os bandidos saqueiam. Durante esta semana está em curso uma investigação das alegações da população de que produtos destinados às vítimas da seca em Masvingo, uma das três províncias afectadas, estão sendo roubados pelos bandoleiros.

Para as autoridades zimbabweanas a situação merece o devido tratamento antes que atinja maiores proporções. O Ministro da Defesa, Ernest Kadungure, o Ministro da Segurança, E. Munangagwa, e o Ministro do Interior, Enos Nkala, têm visitado com regularidade as províncias fronteiriças de Mashonaland Este, Manicaland e Masvingo.

«Há moçambicanos vivendo nas áreas fronteiriças, no interior do Zimbabwe, que fornecem informações para posteriores ataques dentro da província», acusa o Ministro zimbabweano da Segurança, Munangagwa, falava em Manicaland, província que faz fronteira com Manica, e, na altura, fazia-se acompanhar do Ministro da Segurança de Moçambique, Mariano Matsinha que estava de visita ao Zimbabwe.

Dias depois, o jornal «The Herald», o principal do país, comentou a situação dizendo que era de prever que os bandidos usariam os refugiados ao longo da fronteira para se infiltrarem no Zimbabwe. O «The Herald» dizia ainda que «é imperativo que o Governo e as agências confinem todos os refugiados nos campos e os controlem rigorosamente».

Para além de reforços da presença militar nas áreas afectadas, as autoridades zimbabweanas aumentaram o controlo sobre os refugiados que vão desde a proibição aos fazendeiros de empregar os refugiados, ao estabelecimento de pontos fixos ao longo da fronteira por onde todo o refugiado deve cruzar.

Os refugiados são a mão-de-obra preferida pelos fazendeiros por exigirem salários muito inferiores aos exigidos pelos locais e maioritariamente cruzam a fronteira zimbabweana provenientes das províncias de Manica, Sofala, Tete e Inhambane. David Mlambo, administrador do campo de Tongogara, no extremo sul de Manicaland, disse à AIM que «a média do afluxo dos refugiados moçambicanos nos últimos tempos é de mil por mês». Tongogara é o maior campo de refugiados moçambicanos no Zimbabwe com um total de 22 mil pessoas.

«O povo zimbabweano continuará ao vosso lado na luta que travam contra os bandidos armados. Os povos zimbabweano e moçambicano são um só pelos tradicionais laços que mantêm e pelas aspirações de hoje», garantiu o Primeiro-Ministro Robert Mugabe durante a visita este ano de Joaquim Chissano àquele país.